

## ▼ ACIDENTES

# Índios Guarani pedem placas de sinalização

Alta velocidade provocou duas mortes por atropelamento nos últimos dias em Palhoça

Ângela Bastos  
PALHOÇA

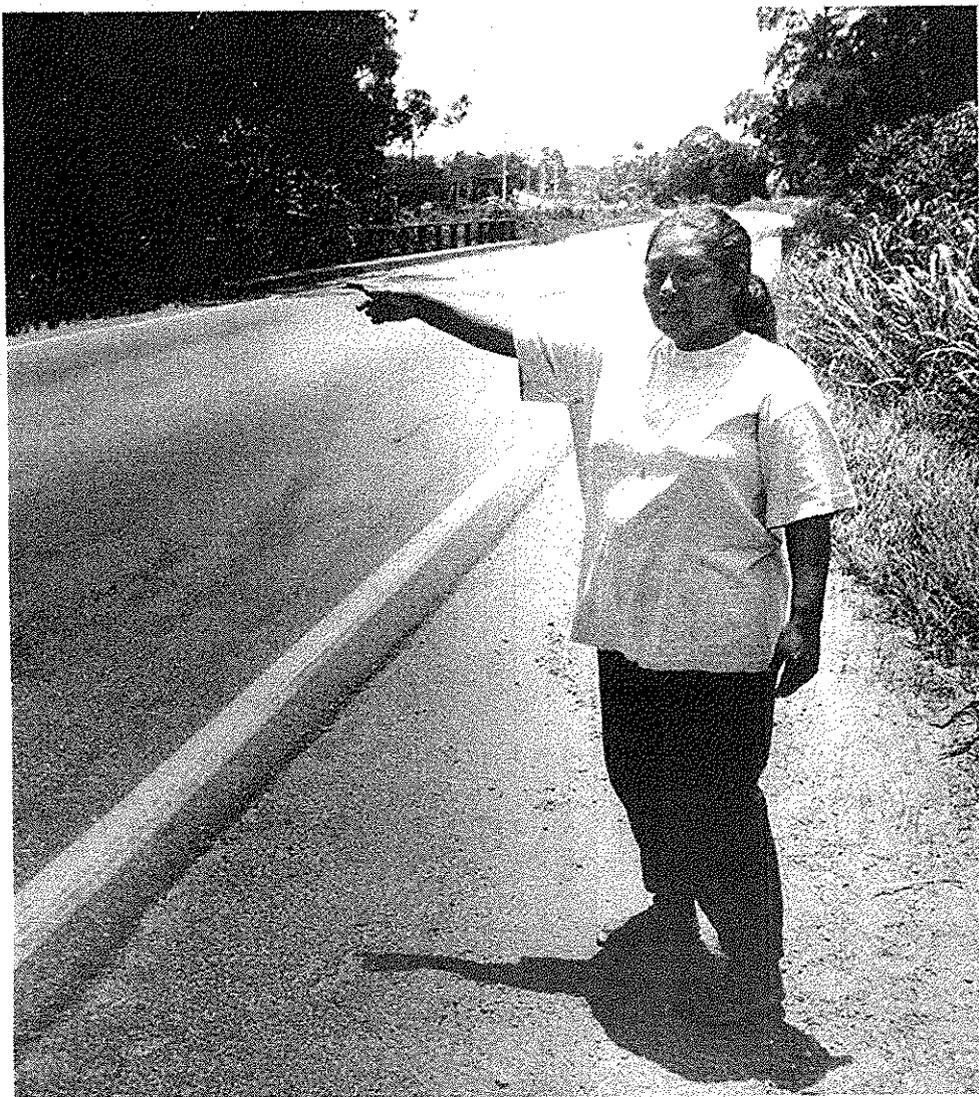
Dois índios Guarani morreram atropelados na BR-101 em poucos dias. A primeira vítima foi Florentina Benitez, 65 anos, da aldeia localizada no Morro dos Cavalos, em Palhoça. Florentina voltava de uma conversa na casa de amigos, do outro lado da estrada, quando foi atingida por carro particular. O garoto Elias Fontoura, 10 anos, foi arrastado por cerca de 50 metros por um Corsa. A família de Elias mora na região do Morro do Cambirela, também em Palhoça. Os indígenas pedem a colocação de placas sinalizando a redução de velocidade.

A procuradora da República em Santa Catarina, Analúcia Hartmann, também. Ela encaminhou documento ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) exigindo sinalização nas imediações das comunidades indígenas localizadas na Grande Florianópolis. O engenheiro César Augusto Flores Santos, chefe do Setor de Estudos, Projetos e Meio Ambiente do DNER, diz que o assunto está em análise. A construção de passarelas - antiga reivindicação dos Guarani - só deverá ser concretizada com o projeto de duplicação do trecho sul da BR-101.

Florentina foi colhida por um automóvel às 11h30min do dia 26. "Os carros passam voando por aqui. O corpo de minha mãe parou 15 metros adiante do lugar onde caminhava", conta o filho André Benitez. A Guarani foi levada para o hospital, mas morreu horas depois. Etelvina Fontoura, mãe de Elias, não aceita a morte violenta do filho ocorrida às 19h15min do dia 23 de janeiro. "O menino foi arrastado por cerca de 50 metros. Existe testemunha de que Elias caminhava no acostamento", diz.

Para Etelvina, se o carro não andasse com tanta velocidade a morte poderia ter sido evitada. Ela lembra que o Corsa arrastou Elias por cerca de 50 metros. O veículo só parou 100 metros depois de colher o garoto. Mãe de cinco filhos, Etelvina viu o acidente de casa. Ela fazia cestos de artesanato. "Se ele ainda estivesse no asfalto poderia ter uma razão. Mas o menino estava no acostamento", recorda. Para Etelvina, o motorista não poderia ter sido "liberado" pela polícia. "Nem aquele teste da bebida (bafômetro) fizeram para ver se estava bêbado."

Os pais de Elias pintaram o asfalto com o nome do garoto. A primeira inscrição foi feita onde ocorreu o atropelamento. A segunda, colocada junto com uma cruz, no lugar onde o menino morreu. Elias tinha passado para a 5ª série. Quando não estava na escola, juntava latinhas, cobre, ferro. O dinheiro ajudava no sustento da família.



FOTOS DANIEL CONZI/DC/PALHOÇA

**REVOLTA:** Etelvina não aceita a morte violenta de seu filho Elias, de 10 anos



**SAÚDE AMEAÇADA:** Lourenço Oliveira, 81 anos, esteve internado vários dias

## Sem saneamento básico, indígenas adoecem

A saúde dos índios de Santa Catarina está ameaçada. A falta de saneamento básico e de ações de prevenção faz adoecer as comunidades indígenas. Lourenço Oliveira, 81 anos, serve de exemplo. Oliveira mora no Morro dos Cavalos. Ainda vestindo a roupa do Hospital Universitário - onde esteve internado vários dias devido a uma infecção intestinal - o Guarani buscava na luz do sol, ontem à tarde, um pouco de energia. O filho Narciso, responsável pelas vendas do artesanato nas margens da BR-101, afagava o pai cortando suas unhas.

A água retirada de uma cachoeira e a alimentação precária não enfraqueceram apenas Oliveira. Nas aldeias catarinenses é grande o número de índios doentes. Crianças e idosos são os que mais sofrem. A avaliação faz parte da primeira fase - levantamento de dados - do convênio assinado em dezembro entre o Projeto Rondon/SC e a Fundação Nacional de Saúde (FNS). O convênio está orçado em R\$ 4 milhões (podendo ser renovado após um ano) e pretende colocar em prática o desenvolvimento de um programa de promoção, prevenção e assistência primária às comunidades de Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

Há um mês, uma equipe de rondonistas começou a percorrer aldeias Guarani do Litoral catarinense e do Paraná. Também foram visitados o Oeste de Santa Catarina e outras regiões do Paraná e de São Paulo. Deverão ser atingidos cerca de 15 mil índios das etnias Guarani, Kaingang, Krenak e Terena. Pelo convênio, cabe ao Projeto Rondon estabelecer e implantar o programa de acordo com o SUS, conta o médico e coordenador-geral do convênio Antônio Carlos Bittencourt.

Em Santa Catarina estarão sendo visitados oito municípios. As equipes entrarão em contato com prefeitos e secretários para viabilizar ações que ofereçam melhor qualidade de vida para os indígenas. A inserção de cerca de 100 universitários e a contratação de agentes de saúde são pontos destacados. A Associação de Rondonistas de Santa Catarina foi fundada em julho do ano passado. A idéia é aplicar a experiência do Projeto Rondon.